



PBPC
ISSN 2674-9432



Qualis A3
CAPES 2021-2024



DOI - Crossref

Latindex

Indexado no
Google Acadêmico

GESTÃO DO FLUXO DE CAIXA: UM MODELO PARA PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS COMERCIAIS

Carlos Raí Machado, Rosane Maria Seibert



<https://doi.org/10.36557/2674-9432.2026v5n1p2995-3018>

Artigo recebido em 21 de Janeiro e publicado em 21 de Março de 2026

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar os componentes adequados para um modelo de fluxo de caixa que possa auxiliar a gestão e a tomada de decisões em micro e pequenas empresas (MPes) do setor comercial. Definido como o movimento de recursos financeiros, o fluxo de caixa é um indicador da saúde financeira, permitindo que as empresas avaliem sua capacidade de gerar caixa, cumprir compromissos, investir e remunerar acionistas. Os métodos utilizados incluíram uma pesquisa qualitativa, com revisão bibliográfica, e a aplicação de questionários a empresas comerciais na cidade de Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul. Os dados coletados foram analisados qualitativa e quantitativamente. Como principais resultados, constatou-se que a gestão estruturada e a projeção financeira são cruciais para a sustentabilidade das MPes. Embora a maioria dos empresários conheça o conceito de fluxo de caixa, sua aplicação prática ainda é limitada e desorganizada. O modelo proposto no estudo mostrou-se adaptável à realidade dessas empresas, facilitando o acompanhamento de receitas, custos e despesas. O trabalho contribuiu com a criação de um modelo de fluxo de caixa aplicável e de fácil compreensão, que pode ser adaptado a diferentes negócios. Além disso, reforçou a importância de integrar a teoria da administração financeira com práticas gerenciais acessíveis para profissionalizar a gestão de pequenas empresas. Para futuras pesquisas, sugere-se a aplicação do modelo em outros setores econômicos, a investigação do impacto do uso contínuo do fluxo de caixa nos indicadores de desempenho organizacional e a avaliação do papel das soluções digitais no aprimoramento dessa prática.

Palavras-chave: Fluxo de caixa; Micro e pequenas empresas; Processo de tomada de decisões; Gestão financeira.

CASH FLOW MANAGEMENT: A MODEL FOR SMALL AND MEDIUM-SIZED COMMERCIAL BUSINESSES

ABSTRACT

This study aimed to analyze the appropriate components for a cash flow model that can assist management and decision-making in micro and small enterprises (MSEs) in the commercial sector. Defined as the movement of financial resources, cash flow is an indicator of financial health, allowing companies to assess their ability to generate cash, meet obligations, invest, and compensate shareholders. The methods used included qualitative research with a literature review and the application of questionnaires to commercial businesses in the city of Santo Ângelo, Rio Grande do Sul. The collected data was analyzed both qualitatively and quantitatively. As main results, it was found that structured management and financial forecasting are crucial for the sustainability of MSEs. Although most business owners are familiar with the concept of cash flow, its practical application is still limited and disorganized. The model proposed in the study proved to be adaptable to the reality of these companies, facilitating the tracking of revenues, costs, and expenses. The work contributed by creating an applicable and easy-to-understand cash flow model that can be adapted to different businesses. Furthermore, it reinforced the importance of integrating financial management theory with accessible management practices to professionalize the management of small businesses. For future research, it is suggested to apply the model in other economic sectors, investigate the impact of continuous cash flow use on organizational performance indicators, and evaluate the role of digital solutions in improving this practice.

Keywords: Cash flow; Micro and small enterprises; Decision-making process; Financial management

Instituição afiliada – Universidade Regional Integrada e do Alto Uruguai e das Missões - URI.

Autor correspondente: *Rosane Maria Seibert* – *rseibert@san.uri.br*

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo é essencial para o desenvolvimento econômico, especialmente em um contexto global competitivo, onde inovação, gestão eficiente e disposição para riscos são cruciais para o sucesso dos negócios (Dornelas, 2023). Apesar da flexibilidade das micro e pequenas empresas (MPEs), cerca de 50% delas encerram suas atividades antes de três anos, segundo o IBGE (2024), o que evidencia a necessidade de planejamento e gestão financeira eficaz para garantir sua sustentabilidade.

A insuficiência de gestão financeira é uma das principais causas do fracasso precoce das MPEs. A administração eficaz, que inclui planejamento, controle de capital de giro e análise financeira, é essencial para a sobrevivência empresarial (Assaf Neto, 2020). Nesse cenário, o fluxo de caixa se destaca como ferramenta crucial, pois revela a movimentação real de dinheiro, diferindo do lucro contábil, e permite avaliar a liquidez e a capacidade de cumprir obrigações (Assaf Neto, 2020; Ross et al., 2022). Práticas como o controle de receitas e despesas, gestão de contas a receber e negociação com fornecedores são fundamentais para manter a saúde financeira (Higgins, 2018).

O estudo do fluxo de caixa é essencial para avaliar a saúde financeira e a eficiência na gestão dos recursos empresariais. Ele garante que a empresa disponha de capital suficiente para cumprir suas obrigações, viabiliza a análise de projetos e permite o planejamento antecipado em períodos de alta ou baixa demanda. A falta de pesquisas que orientem a gestão financeira, aliada à ausência de controles econômicos e financeiros adequados nas micro e pequenas empresas, está entre as principais causas do fracasso precoce e do insucesso a médio e longo prazos.

A escolha do tema é motivada pela urgente necessidade de muitos pequenos e médios empreendimentos que enfrentam dificuldades financeiras devido à gestão inadequada do fluxo de caixa. Por isso, o objetivo desta pesquisa foi analisar os componentes adequados a um modelo de fluxo de caixa para auxiliar na gestão e no processo de tomada de decisão de micros e pequenas empresas do ramo comercial. Para isso, o estudo apresenta os conceitos de administração financeira e fluxo de caixa, identifica as receitas, custos e despesas típicos dessas empresas e elabora um modelo de planejamento de fluxo de caixa.

Estudos indicam que grande parte das falências empresariais está associada a problemas de liquidez resultantes de práticas deficientes na administração do fluxo de caixa. Compreender e adotar boas práticas nessa área é fundamental para a sobrevivência e sucesso das empresas. O trabalho visa explicar conceitos e técnicas, analisar práticas atuais e oferecer recomendações, esperando proporcionar contribuições significativas e valiosas para empreendedores, gestores e para a melhoria das práticas de gestão financeira. Os resultados deste estudo oferecem contribuições para gestores e empresários de micro e pequenas empresas do ramo comercial, auxiliando-os a fortalecer a gestão financeira de seus negócios e, conseqüentemente, aumentar suas probabilidades de sucesso no mercado em que atuam.

A seguir, neste artigo se apresenta a revisão da literatura sobre a temática, os procedimentos metodológicos utilizados para a realização do estudo, os resultados e as discussões referentes a eles, as considerações finais e as referências utilizadas.

2 PROJETANDO E ANALISANDO O FLUXO DE CAIXA

Este tópico aprofunda conhecimento sobre as micro e pequenas empresas do ramo

comercial, administração financeira, planejamento financeiro, demonstrações financeiras, fluxo de caixa (seus componentes, projeções, planejamento, análise e controle), e o impacto do fluxo de caixa na gestão organizacional que suportam a pesquisa.

2.1 Micro e Pequenas Empresas

O conceito de micro e pequenas empresas (MPEs) está ligado ao porte da organização, determinado por critérios como receita anual, número de empregados e estrutura organizacional. No Brasil, a Lei Complementar nº 123 (Brasil, 2006) estabelece esses critérios, predominantemente baseados na receita: a) Microempresa (ME): Receita bruta anual de até R\$ 360.000,00; e b) Empresa de Pequeno Porte (EPP): Receita bruta anual de R\$ 360.000,00 a R\$ 4.800.000,00.

As MPEs desempenham papel crucial na economia, especialmente em países em desenvolvimento como o Brasil, ao promoverem emprego, renda e inclusão socioeconômica. Mesmo enfrentando limitações financeiras e tecnológicas, são importantes impulsionadoras do empreendedorismo e da inovação local (Dornelas, 2023). Contudo, enfrentam alta taxa de mortalidade: uma em cada quatro não sobrevive ao primeiro ano, devido a desafios de mercado, instabilidade econômica e, principalmente, à falta de experiência em planejamento e gestão financeira (IBGE, 2024).

As organizações, de acordo com Chiavenato (2023), têm como finalidade principal criar e disponibilizar serviços à sociedade, sendo formadas para realizar produções. Elas se dividem em categorias baseadas no setor ou atividade, seja como fabricantes ou fornecedoras de serviços. O Departamento de Comércio dos Estados Unidos aponta oito setores significativos para pequenas empresas: a) Comércio atacadista: Comercializam alimentos, medicamentos, materiais de escritório etc; b) Construção: Contratantes de serviços de construção, engenharia civil, manutenção; c) Comércio varejista: Lojas como pizzarias, postos de gasolina, restaurantes; d) Produtividade: Salões de beleza, barbearias, serviços de entrega; e) Finanças e seguros imobiliários: Agências de seguro, corretoras de imóveis; f) Mineração: Empresas de areia e cascalho, minas; g) Transportes e utilidades públicas: Empresas de táxi, estações de rádio/TV; e h) Manufatura: Padarias, oficinas de automóveis/bicicletas/motos.

A produção de bens pode ser direcionada ao consumo ou à fabricação de outros produtos/serviços: a) Empresas industriais: Fabricam produtos de consumo ou de produção convertendo matérias-primas; b) Empresas de comércio: Comercializam produtos acabados diretamente ao cliente ou adquirem para revender; e c) Empresas fornecedoras de serviços: Oferecem serviços de manutenção, por exemplo. Maximiano (2024) afirma que o objetivo de uma empresa é fornecer produtos ou serviços para atender às necessidades das pessoas ou do mercado, visando o lucro, e para isso, precisa de recursos, estruturar operações e comprometer-se com a satisfação do cliente, além de uma gestão financeira eficiente.

2.2 Administração Financeira

Segundo Hoji (2017), a administração financeira visa aumentar o valor da empresa e a riqueza dos proprietários, que esperam retornos compatíveis com os riscos assumidos. A gestão financeira se relaciona com a economia, ao exigir compreensão da estrutura econômica e políticas e com a contabilidade, especialmente no uso do fluxo de caixa para decisões. A análise financeira transforma dados contábeis em informações úteis, sendo uma ferramenta essencial para a alocação eficiente de recursos e a gestão empresarial.

Segundo Gitman (2018), a análise financeira é o processo de aplicação de índices derivados de dados financeiros para examinar e acompanhar os resultados da empresa. Realizada por profissionais contábeis, essa análise conecta diferentes demonstrações financeiras, proporcionando uma visão abrangente da situação econômica. Seu foco principal é avaliar a liquidez e a capacidade da empresa de cumprir obrigações de curto e longo prazo, comparando ativos e passivos para determinar relevância e risco. Além disso, os relatórios de análise financeira permitem ao gestor compreender como suas decisões impactam o desempenho financeiro e econômico, promovendo medidas que aumentem a lucratividade.

Assim, a Administração Financeira é uma metodologia aplicada para gerenciar o planejamento, análise de investimentos e obtenção de recursos para financiar operações e atividades, visando o crescimento, a otimização de valor de produtos e serviços e o aumento dos lucros dos acionistas (Gitman, 2018).

2.2.1 Planejamento Financeiro

O planejamento financeiro, por sua vez, é definido como um processo que organiza ações coordenadas com o objetivo de alcançar metas econômicas (Lucion, 2005). Em economias marcadas por flutuações, essa prática torna-se ainda mais relevante, permitindo a antecipação de eventos e a adoção de medidas preventivas (Lucion, 2005). Além disso, um planejamento abrangente possibilita enfrentar crises econômicas sem acumular dívidas, por meio da administração cautelosa dos recursos (Modernell, 2012).

Fedato, Goulart e Oliveira (2012) indicam que ferramentas valiosas, especialmente para MPEs, como relatórios financeiros, ajudam o empresário a antecipar o movimento de seu capital. Passos (2014) divide os recursos da contabilidade gerencial em diversas categorias, incluindo planejamento orçamentário, fluxo de caixa, avaliação de investimentos, análise de demonstrações financeiras, planejamento tributário, controle de estoques, gerenciamento de contas a pagar/receber e bens imobilizados.

A preocupação com o capital da empresa influencia todas as áreas organizacionais. Assaf Neto e Silva (2012) exemplificam que decisões de compras, capacidade de produção e prazos comerciais são impactadas pelas exigências de fluxo de caixa. Todos os setores de uma empresa precisam constantemente de dados

contábeis confiáveis para seu funcionamento adequado e para fomentar novas iniciativas. Ching, Marques e Prado (2010) corroboram, afirmando que a empresa não pode funcionar sem um sistema de informação que forneça dados a todo instante, dada a dinâmica das informações.

Araújo e Souza (2012) ressaltam que um planejamento financeiro eficaz abrange vários cenários possíveis e estratégias alternativas. Assim, o planejamento financeiro define metas e diretrizes, proporciona dados e estratégias para análise, possibilitando que o sistema alcance um estado desejado, contemplando obtenção/uso de recursos, lucratividade e oscilações de mercado. Silva (2022) descreve o Fluxo de Caixa como uma ferramenta fundamental na administração financeira, responsável por planejar, monitorar e avaliar entradas/saídas e investimentos, permitindo identificar e programar superávits ou déficits de caixa.

2.2.2 Fluxo de Caixa

O fluxo de caixa é uma ferramenta essencial para a tomada de decisões financeiras, ao fornecer informações sobre recursos disponíveis, investimentos, operações e reservas, contribuindo para a definição de estratégias e objetivos (Zdanowicz, 2002). Seu principal propósito é prever receitas e despesas em períodos específicos, avaliando a necessidade de empréstimos ou aplicação de excedentes. Assaf Neto (2020) destaca seu papel na análise empresarial, com foco operacional, enquanto Hoji (2017) resalta sua importância na previsão de custos e despesas. Francisco et al. (2010) complementam que o fluxo de caixa revela como os recursos foram obtidos e utilizados, permitindo avaliar a capacidade de geração de caixa e rentabilidade, além de prevenir riscos e insolvência.

A Demonstração de Fluxo de Caixa (DFC) oferece dados para decisões como: a) O momento ideal para negociar compras e vendas; b) Antecipação de momentos sensíveis nas despesas; c) Gestão de demandas e excedentes de capital; e d) Estimativa do período ideal para investimentos e captação de fundos. A avaliação dos dados permite ao gestor identificar períodos de superávit ou carência, possibilitando decisões para melhorar a situação econômica (Assaf Neto, 2020). A elaboração do Fluxo de Caixa é essencial para determinar a necessidade de empréstimos ou o uso de superávit (Hoji, 2017).

O gerenciamento eficaz do fluxo de caixa é essencial para evitar insolvência e falência, ao permitir o planejamento da saúde financeira e a antecipação de problemas de liquidez (Francisco et al., 2010). A Demonstração do Fluxo de Caixa (DFC) oferece aos gestores uma visão clara da capacidade da empresa de cumprir obrigações, investir e crescer com recursos próprios (Friedrich, 2005). Segundo Gitman (2018), sua principal função é garantir o pagamento das obrigações financeiras e a geração de retornos. Santos (2010) destaca seu papel na estimativa da situação futura de caixa, enquanto Silva (2022) enfatiza sua utilidade na análise diária de recebimentos e despesas, contribuindo para a compreensão da liquidez empresarial.

Zdanowicz (2002) lista objetivos relevantes ao criar o fluxo de caixa: a) Dimensionar os recursos financeiros necessários para o plano de gestão e operações; b) Utilizar bem os recursos disponíveis, evitando ociosidade e decidindo o melhor uso; c) Planejar e gerir recursos financeiros com base em receitas e custos, usando previsões de vendas, produção e custos operacionais; d) Pagar as obrigações na data de vencimento; e) Encontrar equilíbrio adequado entre receitas e despesas; f) Analisar fontes de crédito mais baratas, se necessário; g) Evitar grandes desembolsos em épocas de baixo encaixe; e h) Desenvolver controle sobre o caixa e contas a receber. Portanto, o fluxo de caixa permite antecipar todos os ingressos e despesas financeiras da empresa. Zdanowicz (2002) descreve as principais fontes de receita (vendas, aluguel, vendas de ativos, capital social, financiamentos, retiradas de investimentos) e despesas (matérias-primas, salários, aluguéis, tributos, custos operacionais).

A estrutura do fluxo de caixa é influenciada pelo tempo de cobertura (semanal, mensal, anual) e pela acessibilidade de recursos. Santos (2010) classifica o fluxo de caixa como curto prazo (uma semana a três meses), médio prazo (91 dias a um ano) ou longo prazo (mais de um ano). O intervalo de tempo que segmenta o período é o "período de informação". Padoveze (2013) ressalta a criação mensal de fluxos de caixa como fundamental para acompanhar atividades e solvência, enquanto relatórios diários são para vigilância de pagamentos, recebimentos e saldos. Relatórios anuais são mais úteis para investidores externos. A gestão financeira deve ajustar a estrutura do fluxo de caixa conforme as demandas da empresa

Os mapas auxiliares são essenciais na elaboração do fluxo de caixa, incluindo mapas de recebimentos de vendas a prazo, recebimentos tardios e pagamentos de compras parceladas. O número de mapas depende do porte e da natureza da empresa; quanto mais organizada, mais instrumentos de gestão disponíveis. Zdanowicz (2002) sugere a elaboração de novos mapas complementares para otimizar o planejamento, como custos administrativos, gastos com vendas e encargos financeiros, ajustáveis às necessidades da empresa.

- ***Componentes do Fluxo de Caixa***

O fluxo de caixa representa as diversas entradas e saídas de recursos de uma empresa, fornecendo uma visão clara de sua liquidez e da capacidade de manter operações e compromissos (Assaf Neto, 2020). Segundo Jeronimo (2018), o fluxo de caixa operacional inclui receitas e despesas das atividades principais, como pagamentos a fornecedores e funcionários e receitas de vendas, servindo como indicador da geração de recursos operacionais e sendo utilizado por instituições financeiras na análise de crédito.

O fluxo de caixa deve incluir estimativas de aquisição de ativos e operações relacionadas a investimentos em outras organizações (Jeronimo, 2018). As atividades de financiamento, conforme o SFAS No. 95 citado por Marques e Braga (2001), envolvem entradas e saídas como emissão de títulos, obtenção e quitação de empréstimos,

pagamento de dividendos e recompra de ações. Friedrich (2005) reforça que o fluxo de caixa permite ao gestor avaliar a capacidade da empresa de honrar dívidas, captar recursos externos e ampliar investimentos, oferecendo uma visão clara da condição financeira.

2.2.3 Projeções e Planejamento do Fluxo de Caixa

Silva (2022) destaca que a projeção financeira é essencial para a gestão organizacional, permitindo prever receitas e despesas e garantindo a capacidade de honrar compromissos. Essa prática apoia decisões estratégicas relacionadas a investimentos, expansão e controle de custos. De forma complementar, Assaf Neto (2020) ressalta que o planejamento do fluxo de caixa assegura liquidez e solvência, permitindo antecipar a necessidade de recursos e definir o momento ideal para sua aplicação, alinhando decisões como oferta de crédito e execução de investimentos à disponibilidade financeira.

A estimativa do fluxo de caixa é um elemento central da estratégia financeira, permitindo antecipar a necessidade de captação de recursos e evitar empréstimos emergenciais com custos elevados (Assaf Neto, 2020). Essa previsão também favorece o aproveitamento de oportunidades de investimento e o uso eficiente dos recursos disponíveis. Projeções precisas ajudam a prevenir crises de liquidez, identificando momentos críticos para garantir o cumprimento de compromissos financeiros, como salários e pagamentos a fornecedores (Antonik, 2016). Assaf Neto (2020) também destaca a importância de métodos como análise de dados históricos, projeções por porcentagens, métodos direto e indireto, elaboração de cenários, simulações e uso de indicadores para um planejamento financeiro eficaz.

- **Informações preliminares para a elaboração do fluxo de caixa**

O fluxo de caixa é elaborado a partir de dados e informações obtidos em diferentes setores da organização, considerando um planejamento anual, mensal, semanal ou diário das entradas e saídas financeiras, posteriormente encaminhado à área de gestão da empresa (Zdanowicz, 2002).

Orçamento de Caixa: é um instrumento que planeja os recursos financeiros de uma empresa, permitindo verificar se haverá fundos suficientes para atender às necessidades durante um período específico. Em grandes empresas, integra o sistema orçamentário completo, enquanto em micro e pequenas empresas recebe atenção especial devido à urgência de recursos. Pode ser elaborado pelo lucro ajustado, que incorpora elementos patrimoniais e operacionais, ou pelo método da diferença de capital de giro, relacionando o lucro projetado às variações de ativos e passivos de longo prazo (Zdanowicz, 2002).

Ciclo e Giro de Caixa: Corresponde ao intervalo entre o pagamento de despesas e o recebimento de receitas de vendas, enquanto o giro de caixa indica a frequência de renovação do capital ao longo do ano. Ciclos mais curtos aumentam o giro e reduzem a

dependência do capital circulante (Assaf Neto, 2020; Santos, 2010).

Contas a pagar e a receber: Funcionam como financiamento de curto prazo sem garantias, originadas em compras sem contratos formais, enquanto as contas a receber representam empréstimos sem juros aos clientes, imobilizando capital e gerando custo de oportunidade. Avaliar o custo-benefício de flexibilizar o crédito é essencial para que o aumento das contas a receber seja vantajoso (Gitman, 2018; Groppelli; Nikbakht, 2010).

Estoques: Compreendendo insumos, matérias-primas, itens em processo e produtos acabados, são fundamentais para as operações e estão ligados ao volume de vendas. O investimento em estoques deve ser equilibrado para garantir disponibilidade de materiais e minimizar custos financeiros e de armazenagem, evitando impactos negativos na rentabilidade (Brigham; Gapenski; Ehrhardt, 2016).

- **Técnicas para previsão do Fluxo de Caixa**

De acordo com Silva (2022), essas abordagens possibilitam que as organizações realizem escolhas mais acertadas e preservem uma liquidez apropriada, assegurando, desse modo, sua viabilidade.

Método Histórico: Baseia-se em dados financeiros passados para projetar o fluxo de caixa futuro, analisando padrões e tendências que auxiliam na previsão de períodos de maior ou menor liquidez. É indicado para empresas com fluxo estável, pois sofre pouca influência de mudanças externas (Silva, 2022; Assaf Neto, 2020).

Método de projeção Percentual: Estima fluxos futuros aplicando proporções históricas das vendas sobre variáveis financeiras, como contas a pagar e despesas operacionais. É mais eficaz para itens diretamente relacionados às vendas e pode ser combinado com outros métodos para maior precisão, especialmente em contextos de incerteza (Assaf Neto, 2020; Silva, 2022).

Método do Fluxo de Caixa Direto: Detalha receitas e despesas reais, permitindo acompanhamento contínuo e decisões operacionais mais assertivas, sendo útil para manter a liquidez (Assaf Neto, 2020; Silva, 2022).

Método do Fluxo de Caixa Indireto: Parte do lucro líquido, ajustando itens não monetários e variações patrimoniais. É amplamente utilizado em demonstrações financeiras e reconcilia lucro contábil com fluxo de caixa operacional, embora possa atrasar a detecção de problemas financeiros (Assaf Neto, 2020; Silva, 2022).

Método de Análise de Cenários e Simulações: Envolve a criação de cenários otimista, realista e pessimista para avaliar o impacto de diferentes condições de mercado. O uso de média ponderada permite mensurar riscos e benefícios de forma mais precisa (Assaf Neto & Lima, 2016).

Método de utilização de Indicadores: A avaliação de métricas como o ciclo de conversão de caixa, o Ciclo Operacional, o Ciclo Financeiro, o Prazo Médio de Recebimento (PMR), o Prazo Médio de Pagamento (PMP) e o Giro de Estoques fornece subsídios para projetar o fluxo de caixa e analisar a eficiência operacional e a liquidez.

Indicadores como Liquidez Corrente e Liquidez Seca medem a capacidade de honrar dívidas de curto prazo, enquanto métricas de rentabilidade, como o Retorno sobre Ativos (ROA) e a Margem Operacional, avaliam a eficiência na geração de lucros.

- **Ferramentas para previsão do Fluxo de Caixa**

A projeção do fluxo de caixa é fundamental para uma gestão financeira eficiente, destacando-se a importância da automação e do uso de sistemas como ERPs para integrar dados em tempo real e melhorar a precisão das previsões. Assaf Neto (2020) destaca as planilhas eletrônicas, como o Excel, como ferramentas práticas, acessíveis e versáteis para controlar receitas e despesas, especialmente em pequenas e médias empresas, embora também possam ser úteis em organizações maiores para tarefas de curto prazo ou cenários específicos. No entanto, o autor ressalta que, conforme a complexidade operacional aumenta, é necessário migrar para soluções mais avançadas.

Ainda segundo Assaf Neto (2020), softwares de gestão financeira devem automatizar o controle do fluxo de caixa, gerar relatórios detalhados e permitir simulações de cenários, tornando-se instrumentos valiosos para uma gestão eficiente. Silva (2022) reforça que a integração das informações de diferentes setores — como compras, vendas e tesouraria — em um único sistema fortalece o controle do fluxo de caixa e aprimora a tomada de decisões.

2.2.4 Impacto do fluxo de caixa na gestão das organizações

A criação de um fluxo de caixa é fundamental, mas a verdadeira gestão financeira está na análise detalhada dele. O profissional financeiro deve ter uma visão ampla de toda a empresa, pensando de forma sistêmica, para garantir uma gestão eficaz de liquidez. Conhecer profundamente as operações centra-se na identificação correta das contas e na otimização de prazos de pagamento e recebimento. (Silva, 2022).

O monitoramento regular das receitas e obrigações é crucial para evitar prejuízos significativos. Uma má avaliação do caixa pode resultar em decisões financeiras ruins, afetando a saúde do negócio. O fluxo de caixa impacta tanto as decisões diárias quanto o planejamento a longo prazo, orientando sobre investimentos, gestão de riscos e avaliação do desempenho econômico da empresa (Gitman, 2018; Silva, 2022).

A vigilância e a administração eficiente do fluxo de caixa são, portanto, pilares para a viabilidade e expansão de qualquer organização. Conforme reforça Gitman (2018), o fluxo de caixa vai além de uma simples ferramenta de controle; ele é um indicador-chave que afeta a eficiência operacional, as decisões de investimento, o planejamento estratégico e a gestão de riscos. Em última análise, uma gestão de fluxo de caixa robusta é essencial não apenas para a liquidez e o crescimento do negócio, mas também para atrair e reter o interesse de investidores.

3 METODOLOGIA

De acordo com a tipologia de Vergara (2016), para classificar a pesquisa utiliza-se dois critérios: quanto aos fins e quanto aos meios. Quanto aos fins a pesquisa foi

classificada em: aplicada, descritiva e explicativa. A pesquisa aplicada tem como principal fator a necessidade de abordar problemas mais urgentes. A pesquisa descritiva revela as características de uma determinada comunidade ou fenômeno, estabelecendo correlações entre variáveis e definir suas propriedades. A pesquisa explicativa, tem por objetivo tornar algo compreensível (Vergara, 2016). Este estudo utilizou-se de uma pesquisa aplicada com o objetivo de desenvolver um modelo de fluxo de caixa que apoiasse a administração de micro e pequenas empresas comerciais. A abordagem foi descritiva, pois retratou o mercado e os elementos econômicos e financeiros que influenciaram as previsões de fluxo de caixa. Além disso, a pesquisa foi explicativa, uma vez que esclareceu as motivações para projetar, analisar e tomar decisões com base no fluxo de caixa e, por meio da análise de indicadores financeiros, orientou e complementou a demonstração de fluxo de caixa das empresas.

A pesquisa, quanto aos meios, foi: bibliográfica, documental, e pesquisa de campo (Vergara, 2016). A pesquisa bibliográfica baseia-se em publicações de livros, periódicos, jornais e meios digitais, podendo ser fontes primárias ou secundárias. Já a pesquisa documental utiliza documentos arquivados em instituições públicas, privadas ou em posse de indivíduos, como regulamentos, ofícios, balanços e anotações. Por fim, a pesquisa de campo ocorre no ambiente onde o fenômeno se manifesta, envolvendo entrevistas, questionários e avaliações para obtenção de informações empíricas.

A pesquisa foi classificada como um estudo bibliográfico, uma vez que o modelo de fluxo de caixa elaborado foi sustentado por teorias e conceitos apresentados pela literatura. Além disso, tratou-se de um estudo documental, pois foram realizados levantamentos em documentos relativos às entradas e saídas de caixa de uma empresa estudo de caso para validar o fluxo de caixa elaborado. A pesquisa também se configurou como um estudo de campo, já que foram feitos levantamentos em fontes primárias sobre os componentes dos fluxos de caixa com outras empresas, por meio de questionários aplicados a seus proprietários ou gestores financeiros

Para a pesquisa de campo o universo foi a população de micro e pequenas empresas comerciais de Santo Ângelo. Foram convidados a responder o questionário em torno de 250 empresários e gestores dessas empresas. Desses, 83 responderam ao questionário. Porém, 5 respostas foram desconsideradas por serem de microempreendedores individuais. Assim, a amostra foi constituída de 78 participantes, considerada não probabilística e por acessibilidade.

As informações da pesquisa bibliográfica foram coletadas em livros e artigos sobre a temática. A pesquisa documental utilizou registros financeiros da empresa estudada, como comprovantes de caixa, relatórios e demonstrações contábeis, para apoiar a elaboração do fluxo de caixa. Já a pesquisa de campo foi realizada por meio de questionário aplicado a proprietários e gestores financeiros, visando compreender o contexto do mercado, sazonalidade das vendas, movimentações de receitas, custos e despesas.

Os dados coletados foram analisados qualitativa e quantitativamente. Na fase de análise qualitativa, foram empregadas revisões literárias, identificação de palavras-chave e acompanhamento de conteúdo, assim como nas questões abertas do questionário, seguindo a metodologia de análise de conteúdo preconizada por Bardin (2011). O questionário também teve análise quantitativa, por meio de cálculos matemáticos e estatísticos. Complementarmente, foi realizada a triangulação entre os resultados vindos da revisão da literatura, da pesquisa documental e dos questionários

aplicados para a elaboração do modelo de fluxo de caixa para as empresas do ramo comercial de pequeno e médio porte.

4 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa são apresentados a seguir, contendo a análise da pesquisa de campo sobre o conhecimento de gestão financeira, uso e componentes do fluxo de caixa, o levantamento das receitas, custos e despesas para compor o modelo e o modelo de fluxo de caixa elaborado.

4.1 Conhecimento das micro e pequenas empresas sobre o fluxo de caixa

A coleta dos dados, por meio do questionário elaborado e aplicado na plataforma “Forms” do Google foi elaborada com o objetivo de analisar os componentes adequados a um modelo de fluxo de caixa para auxiliar na gestão e no processo de tomada de decisão de micros e pequenas empresas do ramo comercial.

Os respondentes são proprietários ou gestores de micro e pequenas empresas do setor comercial, principalmente no ramo de autopeças e serviços automotivos. Os resultados indicam que 61,5% das empresas possuem entre 2 e 5 funcionários e 65,4% delas optaram pelo Simples Nacional como regime tributário. Esses fatores evidenciam que o grupo alvo da pesquisa opera com estruturas reduzidas e recursos escassos, o que enfatiza a necessidade de métodos de fluxo de caixa que sejam simples, eficazes e acessíveis para a gestão diária (Antonik, 2016; Assaf Neto; Silva, 2012; Ching; Marques; Prado, 2010).

A análise também indicou que 84,6% dos participantes afirmaram ter conhecimento sobre o conceito de fluxo de caixa, mas apenas 51,3% realmente o aplicam como uma ferramenta de gestão financeira. Essa discrepância entre o que se sabe e o que se pratica revela uma falha significativa na utilização eficaz da administração financeira. Apesar da compreensão teórica da importância do fluxo de caixa, muitas empresas ainda encontram dificuldades na sua implementação, seja pela falta de conhecimento prático, ferramentas acessíveis ou treinamento adequado (Araújo; Souza, 2012; Dornelas, 2023; Fedato; Goulart; Oliveira, 2012; Francisco, et al., 2010).

Os resultados também mostraram que os gestores reconhecem a importância do fluxo de caixa para decisões estratégicas, controle financeiro e sustentabilidade da empresa. No entanto, os relatos sugerem que essa prática ainda é restrita em diversas empresas. Isso sinaliza uma oportunidade clara para intervenções como treinamentos práticos, consultorias e a adoção de ferramentas simplificadas, como planilhas automatizadas ou aplicativos intuitivos. Dessa maneira, a análise gráfica confirma que a adoção de um modelo eficaz de fluxo de caixa pode transformar a gestão dessas organizações (Araújo; Souza, 2012; Assaf Neto; Lima, 2016; Frezatti, 2014; Gitman, 2018; Higgins, 2018).

A seguir se apresenta as receitas, custos e despesas inerentes as micro e pequenas empresas do ramo comercial.

4.2 Receitas, Custos e despesas Inerentes as Micro e Pequenas Empresas

A análise de receitas, custos e despesas é fundamental para a sustentabilidade de micro e pequenas empresas (MPEs). A receita bruta de comércio depende do volume de vendas e da retenção de clientes (Ribeiro, 2015). A gestão deve considerar a

forte sazonalidade do faturamento, que exige acompanhamento constante e planejamento de reservas. O fluxo de caixa é vital, pois permite antecipar a escassez ou excesso de recursos, orientando decisões de investimento, compras e crédito (Zdanowicz, 2002).

Além da receita proveniente da atividade principal, as empresas podem registrar receitas financeiras e extraordinárias, como rendimentos de aplicações, juros ou venda de ativos. Embora, nas microempresas, esses valores representem pequena parcela do faturamento, seu registro no fluxo de caixa é essencial para refletir a realidade financeira. Os custos, por sua vez, englobam todos os gastos diretamente relacionados à produção ou aquisição de bens. Em empresas comerciais, estão principalmente vinculados à compra de mercadorias para revenda. Conforme Assaf Neto (2023), o Custo das Mercadorias Vendidas (CMV) é fundamental para apurar o resultado bruto e a margem de contribuição, sendo obtido pela soma das compras do período ajustada pelos estoques inicial e final.

A gestão de custos em pequenas empresas deve considerar fatores como negociação com fornecedores, condições de pagamento e volume de compras. Uma boa gestão do capital de giro passa necessariamente por esse ponto, uma vez que prazos curtos de pagamento aliados a prazos longos de recebimento de clientes podem comprometer o equilíbrio do caixa. Conforme Padoveze (2013), a análise de prazos médios de estocagem, recebimento e pagamento constitui um dos instrumentos mais eficazes para o gestor financeiro, pois permite alinhar o ciclo operacional com a disponibilidade de recursos.

As despesas, por sua vez, representam os gastos necessários para manter a estrutura administrativa, comercial e operacional da empresa. Incluem-se aqui despesas com salários, encargos sociais, aluguel, energia elétrica, tributos, marketing, entre outros. De acordo com Ribeiro (2015), as despesas se classificam em operacionais (administrativas, comerciais e financeiras) e não operacionais, permitindo ao gestor identificar os setores que mais consomem recursos. Em microempresas, é comum que as despesas fixas representem grande parte da estrutura de custos, o que aumenta a pressão por manter um volume de vendas constante para cobrir esses compromissos.

Outro ponto importante a ser observado é a distinção entre custos e despesas. Enquanto os primeiros estão diretamente relacionados à produção ou aquisição de mercadorias, os segundos dizem respeito ao funcionamento da empresa como um todo. Essa separação conceitual é fundamental para a elaboração de relatórios contábeis fidedignos e para a tomada de decisões estratégicas. Segundo Gitman (2018), a clareza na classificação de custos e despesas é decisiva para a análise de lucratividade, e para a definição de estratégias de redução de gastos.

A pesquisa identificou que muitas microempresas dificuldade em registrar corretamente receitas, custos e despesas. Essa falha está ligada à ausência de profissionais especializados e à centralização das finanças no próprio empreendedor. Embora essa centralização reduza custos administrativos, ela aumenta a vulnerabilidade a erros de registro e limita a capacidade de análise financeira. Este cenário reforça a importância de ferramentas de apoio como o fluxo de caixa, que, mesmo simplificado, oferece uma visão integrada da movimentação financeira do negócio.

A análise integrada das receitas, custos e despesas permite compreender não apenas o resultado contábil da empresa, mas também sua capacidade de gerar caixa e sustentar suas operações no longo prazo. Conforme Assaf Neto (2020), a administração

financeira não pode se limitar ao registro das movimentações, mas deve interpretá-las de forma a apoiar decisões estratégicas. No caso das micro e pequenas empresas, isso significa avaliar constantemente se o volume de receitas é suficiente para cobrir custos e despesas, gerar lucro e ainda possibilitar reinvestimentos.

A margem de contribuição é um dos principais indicadores de análise financeira, representando a diferença entre a receita líquida e os custos variáveis. Ela revela quanto resta para cobrir as despesas fixas e gerar lucro. Margens reduzidas exigem aumento do volume de vendas para atingir o ponto de equilíbrio, o que pode ser desafiador para pequenas empresas com menor escala produtiva. Assim, a gestão eficiente de custos e despesas torna-se essencial para a competitividade.

As despesas financeiras também exercem forte influência no resultado. Microempresas frequentemente recorrem a empréstimos de curto prazo para suprir necessidades de caixa, mas o endividamento excessivo pode comprometer a lucratividade devido aos juros pagos. Conforme Gitman (2018), a decisão de captação de recursos deve avaliar o custo do capital e o retorno esperado, evitando que o crédito se torne um risco em vez de uma solução.

A análise integrada de receitas, custos e despesas deve considerar a variação das receitas ao longo do tempo, principalmente em setores com sazonalidade acentuada, onde podem ocorrer períodos de superávit e déficit. Para manter o equilíbrio financeiro, é recomendada a formação de reservas em meses de maior receita, a fim de cobrir períodos de baixa. Essa abordagem busca alinhar os fluxos financeiros e evitar desequilíbrios que comprometam a continuidade do negócio (Higgins, 2018). Mais do que uma simples prática contábil, a análise integrada é um instrumento estratégico de gestão, permitindo identificar pontos fortes e fracos, reconhecer oportunidades de melhoria e fundamentar decisões baseadas em evidências. Para micro e pequenas empresas, essa prática é essencial diante da concorrência elevada e dos recursos limitados.

4.3 Modelo de Planejamento de Fluxo de Caixa

A elaboração do fluxo de caixa projetado é essencial para converter os registros de receitas, custos e despesas em informações estratégicas para a tomada de decisão. Segundo Silva (2022), o planejamento financeiro deve incluir cenários futuros, considerando tanto as movimentações já contratadas quanto projeções baseadas em histórico de vendas, tendências de mercado e sazonalidade. Essa abordagem permite ao gestor antecipar necessidades de capital, identificar períodos de risco de déficit e planejar investimentos com maior segurança.

Nas micro e pequenas empresas comerciais, o fluxo de caixa projetado deve ser ajustado à sua realidade operacional. Embora muitas não possuam sistemas de gestão avançados, planilhas eletrônicas podem ser suficientes para o controle financeiro, desde que atualizadas de forma consistente. O essencial é que o gestor mantenha clareza sobre as fontes de receita, prazos de recebimento, obrigações assumidas e despesas recorrentes, garantindo um acompanhamento eficaz da liquidez e do planejamento financeiro.

Segundo Zdanowicz (2002), os principais elementos do fluxo de caixa são: ingressos (receitas operacionais e não operacionais), desembolsos (custos e despesas), diferença do período, saldo inicial e final de caixa, e eventuais operações de financiamento ou aplicação de recursos. A partir desses componentes, o fluxo de caixa

projetado se torna um verdadeiro mapa de gestão, permitindo que a empresa visualize o impacto de suas decisões financeiras ao longo do tempo.

Para que a projeção seja eficaz, é necessário que o gestor observe alguns cuidados. O primeiro deles é evitar o excesso de otimismo nas estimativas de receita. Muitas vezes, empreendedores superestimam suas vendas futuras, o que pode levar a decisões equivocadas quanto a compras e investimentos. Da mesma forma, subestimar custos e despesas pode gerar déficits inesperados. Conforme Frezatti (2014), a qualidade da previsão depende da confiabilidade das informações utilizadas e da capacidade de revisar periodicamente as projeções à luz dos resultados efetivos.

Além disso, é importante que o fluxo de caixa projetado seja atualizado de forma dinâmica. As condições de mercado mudam constantemente, e o gestor deve estar preparado para ajustar suas projeções de acordo com novas informações. Isso inclui desde variações no volume de vendas até mudanças em taxas de juros, tributos ou políticas de crédito de fornecedores. O fluxo de caixa deve ser entendido como um instrumento vivo, em constante atualização, e não como um relatório estático.

Portanto, o planejamento de fluxo de caixa é um instrumento indispensável para a gestão financeira de micro e pequenas empresas, especialmente em um cenário de intensa competitividade e recursos limitados. Trata-se de uma ferramenta capaz de transformar dados dispersos sobre receitas, custos e despesas em informações organizadas e úteis, servindo de base para decisões estratégicas e operacionais. Mais do que um simples controle de entradas e saídas, o modelo de planejamento de fluxo de caixa deve ser entendido como uma estrutura que auxilia o gestor a antecipar necessidades, identificar riscos e planejar investimentos de forma sustentável.

Segundo Assaf Neto (2020), a administração financeira deve buscar não apenas o registro das transações, mas também a previsão e análise dos impactos futuros das movimentações de caixa. Nesse sentido, um modelo de planejamento deve ser construído com base na realidade da empresa, refletindo as particularidades de seu setor de atuação, o comportamento de seus clientes e fornecedores e a estrutura de custos e despesas que compõe seu funcionamento. Assim, o fluxo de caixa deixa de ser um relatório estático e se transforma em um verdadeiro sistema de apoio à decisão.

A classificação adequada das receitas, custos e despesas é essencial na elaboração do modelo de fluxo de caixa projetado, pois permite ao gestor compreender claramente as fontes de recursos e sua aplicação. Conforme Ribeiro (2015), embora a Demonstração do Resultado do Exercício (DRE) cumpra essa função no campo contábil, o fluxo de caixa requer uma abordagem mais imediata e financeira. Nas micro e pequenas empresas comerciais, a atenção concentra-se nas receitas operacionais, principalmente nas vendas à vista ou a prazo. É indispensável registrar essas entradas conforme seus prazos de recebimento, visto que vendas parceladas não representam entrada imediata de caixa.

Quanto aos custos, estes correspondem principalmente à aquisição de mercadorias para revenda. A gestão eficiente desse componente passa pela negociação de prazos e condições com fornecedores, bem como pelo controle de estoques. O custo das mercadorias vendidas (CMV) é determinante para o cálculo da margem bruta e, por consequência, para a avaliação da sustentabilidade da empresa (Assaf Neto, 2023).

As despesas, por sua vez, abrangem gastos administrativos, comerciais e financeiros. É importante que o modelo diferencie despesas fixas, como aluguel e salários, das variáveis, como comissões de vendas e custos de marketing. Essa distinção

permite avaliar a flexibilidade da estrutura de gastos e identificar possíveis ajustes em momentos de crise. Conforme Gitman (2018), a clareza na separação entre custos e despesas auxilia na análise de rentabilidade e na definição de estratégias de redução de gastos.

Uma vez classificados os elementos financeiros, o próximo passo consiste em integrá-los ao fluxo de caixa projetado. Segundo Zdanowicz (2002), o modelo deve contemplar todos os ingressos e desembolsos previstos, bem como o saldo inicial e final de caixa em cada período. Essa integração transforma o fluxo em uma ferramenta capaz de revelar não apenas a posição atual da empresa, mas também suas tendências futuras.

A integração do fluxo de caixa requer atenção rigorosa aos prazos de recebimento e pagamento. Uma venda a prazo, por exemplo, só se torna entrada efetiva após o vencimento, enquanto uma compra à vista implica saída imediata de recursos. Esse descompasso temporal é uma das principais causas de desequilíbrio financeiro em pequenas empresas e deve ser monitorado continuamente. Segundo Higgins (2018), o controle eficiente dos prazos contribui para reduzir a necessidade de capital de giro e os riscos de falta de liquidez. Além disso, é essencial registrar as despesas financeiras no fluxo de caixa, pois os encargos de empréstimos e créditos afetam diretamente a lucratividade. Conforme Gitman (2018), incluir esses custos permite avaliar o custo real do capital e planejar estratégias de financiamento mais adequadas.

A estrutura do modelo de fluxo de caixa deve ser simples o suficiente para que possa ser aplicada por micro e pequenas empresas, mas completa a ponto de fornecer informações estratégicas. De acordo com Padoveze (2013), os fluxos de caixa podem ser elaborados em horizontes de curto, médio e longo prazo. No entanto, para pequenos negócios, o foco principal deve estar no curto prazo, com projeções semanais ou mensais, permitindo uma gestão mais próxima e adaptável.

O modelo de fluxo de caixa proposto inclui os seguintes componentes básicos:

- a) Ingressos operacionais e não operacionais – todas as entradas de caixa, como vendas à vista, recebimentos de vendas a prazo, receitas financeiras ou extraordinárias.
- b) Desembolsos operacionais e não operacionais – compras de mercadorias, despesas administrativas, tributos, encargos e outras saídas relevantes.
- c) Fluxo líquido do período – diferença entre ingressos e desembolsos.
- d) Saldo inicial e final de caixa – valores disponíveis em caixa ou banco no início e fim do período, fundamentais para avaliar a evolução da liquidez.
- e) Operações financeiras – entradas provenientes de empréstimos ou saídas relacionadas à amortização de dívidas, que afetam diretamente a capacidade de pagamento da empresa.

A seguir, no quadro 1, apresenta-se a estrutura do fluxo de caixa elaborado, de acordo com a triangulação entre os resultados obtidos pelos estudos acadêmicos e pela pesquisa de campo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho visou analisar os componentes adequados a um modelo de fluxo de caixa capaz de auxiliar a gestão e o processo de tomada de decisão em micro e pequenas empresas do ramo comercial. Ao longo do estudo, constatou-se que a implementação de práticas estruturadas de controle e projeção financeira é determinante para a sustentabilidade e competitividade dessas organizações, que, em sua maioria, enfrentam restrições de capital, pouca margem para erros e alta vulnerabilidade às oscilações do mercado.

A revisão da literatura evidenciou que o fluxo de caixa se configura não apenas como um demonstrativo das movimentações financeiras, mas como um mecanismo estratégico que permite integrar informações contábeis e operacionais, projetar cenários, antecipar necessidades de capital e avaliar oportunidades de investimento.

A pesquisa foi desenvolvida com abordagem qualitativa, utilizando revisão bibliográfica e aplicação de questionário a empresas do setor comercial de Santo Ângelo/RS. Os dados coletados e analisados qualitativa e quantitativamente, permitiram conhecer o perfil dos respondentes, o nível de conhecimento sobre fluxo de caixa e as práticas adotadas na gestão financeira. Deste modo confirmou a visão, que, embora muitos empresários conheçam o conceito, sua aplicação prática ainda é limitada e, em muitos casos, pouco organizada. O modelo proposto neste trabalho apresentou-se como uma ferramenta adaptável à realidade das micro e pequenas empresas, permitindo um acompanhamento detalhado do período e das receitas, custos e despesas.

Apesar disso, a eficácia do fluxo de caixa depende de fatores como a atualização constante das informações, o comprometimento do gestor e o conhecimento básico em finanças. A falta de preparo técnico ainda é um desafio para muitos empreendedores, reforçando a importância de capacitação e do uso de ferramentas tecnológicas que facilitem esse processo.

Como contribuição prática, este estudo oferece um modelo de fluxo de caixa aplicável e de fácil compreensão, que pode ser adaptado para diferentes portes e segmentos de empresas. Do ponto de vista teórico, reforça a importância da integração entre conceitos de administração financeira e práticas gerenciais acessíveis a pequenos negócios, ampliando a discussão sobre a profissionalização da gestão nesse segmento.

Por fim, recomenda-se que futuras pesquisas explorem a aplicação do modelo em outros setores econômicos e investiguem o impacto do uso contínuo do fluxo de caixa sobre indicadores de desempenho organizacional, como lucratividade, crescimento e resiliência em períodos de crise. Também se sugere avaliar o papel das soluções digitais, como softwares de gestão e aplicativos de controle financeiro, na disseminação e no aprimoramento dessa prática.

6 REFERÊNCIAS

ANTONIK, Luis Roberto. **Empreendedorismo: Gestão Financeira Para Micro e Pequenas Empresas**. 1ª edição. São Paulo: Atlas, 2016.

ARAÚJO, F. E. L.; SOUZA, M. A. P. **Educação Financeira para um Brasil sustentável. Evidências da atuação do Banco Central do Brasil em educação financeira para o**



cumprimento de sua missão. Brasília: Departamento de Estudos e Pesquisas, 2012. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/pec/wps/port/TD280.pdf> > acesso 02 abr. 2025

ASSAF NETO, A.; SILVA, C. A. T. **Administração do capital de giro.** 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e Análise de Balanços: Um Enfoque Econômico-Financeiro.** 13ª ed. São Paulo: Atlas, 2023.

ASSAF NETO, Alexandre. **Finanças Corporativas e Valor.** 8ª. ed. São Paulo: Atlas, 2020.

ASSAF NETO, Alexandre; LIMA, Fabiano. Ugaste. **Fundamentos de Administração Financeira.** 3ª. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

BARDIN, L. (2011). **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70.

BRASIL. **Lei Complementar nº 123.** Institui o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte e dá outras providências. 2006. Disponível em: <http://www.pl.gov.br>. Acesso em: 03 abr. 2025.

BRIGHAM, Eugene F., GAPENSKI, Louis C., EHRHARDT, Michael C. **Administração Financeira: Teoria e Prática.** 3ª. ed. São Paulo, Atlas. 2016.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gerenciando com as Pessoas: Transformando o Executivo em um Excelente Gestor de Pessoas.** 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2023.

CHING, Yuh Hong. MARQUES, Fernando. PRADO, Lucilene. **Contabilidade e Finanças para não especialistas,** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

DORNELAS, José. **Empreendedorismo - Transformando Ideias em Negócios.** 9ª edição. Grupo GEN, 2023.

FEDATO, Geovana Alves de Lima; GOULART, Claiton Pazzini; OLIVEIRA, Lyss Paula de. **Contabilidade para pequenas empresas: A Utilização da Contabilidade como Instrumento de Auxílio às Micro e Pequenas Empresas.** 2012. Disponível em: <http://www.contabilidadeamazonia.com.br/artigos/artigo_13contabilidade_para_pequenas_empresas.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2025.

FRANCISCO, José Roberto de Souza et al. **Demonstração de fluxo de caixa – Atividade Operacional versus indicadores financeiros de liquidez: análise da gestão financeira.** 2010 XIII SemeAd – Seminários em Administração setembro/2010. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/rcc/article/view/24641/16523>>. Acesso em: 04 abr. 2025.

FREZATTI, Fábio. **Gestão do Fluxo de Caixa: Perspectivas Estratégicas e Táticas,** 2ª edição. Rio de Janeiro: Atlas, 2014.



FRIEDRICH, João. **Fluxo de caixa - Sua importância e aplicação nas empresas.** *Revista Eletrônica de Contabilidade*, {S. l.}, v. 2, n. 2, p. 135-156, jun. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/contabilidade/index>. Acesso em: 01 maio 2025.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira.** 14ª. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2018.

GITMAN, Lawrence Jeffrey; MADURA, Jeff. **Administração Financeira – Uma Abordagem Gerencial.** São Paulo: Addison Wesley, 2003.

GROPPELLI, Angelico. A.; NIKBAKHT, Ehsan. **Administração Financeira.** 3ª. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

HIGGINS, Mark J. **Gestão de fluxo de caixa para pequenas e médias empresas.** São Paulo: Editora XYZ, 2018.

HOJI, Masakazu. **Administração Financeira e Orçamentária.** 12ª.ed. São Paulo: Atlas, 2017.

JERONIMO, J. Loremir. **Atividades Operacionais, de Investimento e de Financiamento: A sua importância no Fluxo de Caixa Orçado.** 2018. Disponível em: <https://orcamentoempresarial.com/2018/08/06/atividades-operacionais-de-investimento-e-de-financiamento-a-sua-importancia-no-fluxo-de-caixa-orcado/>. Acesso em: 14 Abr. 2025.

LUCION, C. E. R. **Planejamento financeiro.** *Revista Eletrônica de Contabilidade*. V. 1, n. 3, p. 142-160, mar/mai 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/198109466507> Acesso em 01 maio. 2025

MARQUES, José Augusto Veiga da Costa e BRAGA, Roberto. **Demonstração de fluxos de caixa: uma contribuição à alteração da legislação societária.** 2001, Anais. Rio de Janeiro: ANPAD, 2001. Acesso em: 14 abr. 2025.

MAXIMIANO, Antônio Cesar Amaru. **Teoria Geral da Administração: Da revolução urbana à revolução digital.** 9ª ed. São Paulo: Atlas, 2024.

MODERNELL, Álvaro. **Afinal, o que é educação financeira?** 2012. Disponível em: <http://www.maisativos.com.br/site/artigo-afinal-o-que-e-educacao-financieira/> Acesso em: 21 abr. 2025.

PADOVEZE, Clóvis Luís. **Introdução à Administração Financeira.** 2ª. ed. São Paulo: Cengage Learning Brasil. 2013.

PADOVEZE, Clóvis Luiz; BENEDICTO, Gideon Carvalho. **Análise das demonstrações financeiras.** 3ª ed. Revista e ampliada. São Paulo: Thomson Learning, 2013.



PASSOS, Quismara. Corrêa. **A importância da contabilidade no processo de tomada de decisão nas empresas.** 2014. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25741/000751647.pdf>. Acesso em 15 abr. 2025.

RIBEIRO, Osni Moura. **Estrutura e Análise de Balanço Fácil**, 11. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

ROSS, STEPHEN, JORDAN e LAMB. **Fundamentos de administração financeira.** 13ª edição. Grupo A, 2022.

VERGARA, Sylvia C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**, 16ª edição. São Paulo, Grupo GEN, 2016